

A função do desmame na constituição do Ego

The Function of Weaning in the Constitution of the Ego

Otávio Fernandes Macedo¹

Amanda Teodoro da Silva²

Pâmela da Rocha Souza Rampazi dos Santos³

Juliana Aline Andrade Vila Pacheco⁴

Resumo: Com muita frequência fala-se sobre a importância da amamentação para o desenvolvimento do bebê e o vínculo entre mãe e filho(a). No entanto, poucas são as informações sistematizadas a respeito do que seria considerado um processo de desmame adequado e seus efeitos sobre a psique. Este estudo consiste em uma revisão integrativa da literatura, que teve por objetivo analisar, sob a ótica da psicanálise winnicottiana, a função do desmame e o quanto a elaboração deste processo contribui ou tem relação com a constituição do Ego. Este segundo tópico foi também discutido a partir das contribuições de Freud. O desmame apareceu associado à constituição do Ego, mas não como fator determinante ou imprescindível para tal.

Palavras-chave: Desmame; Psicanálise; Ego; Constituição do Ego.

Abstract: Very often we talk about the importance of breastfeeding for the development of the baby and the bond between mother and child. However, there is little systematic information about what would be considered a proper weaning process and its effects on the psyche. This study consists of an integrative review of the literature, whose objective was to analyze, from the point of view of Winnicottian psychoanalysis, the function of weaning and how much the elaboration of this process contributes or is related to the constitution of the Ego. This second topic was also discussed from the contributions of Freud. Weaning appeared associated with the constitution of the Ego, but not as a determinant or essential factor.

Keywords: Weaning; Psychoanalysis; Ego; Ego Constitution.

Introdução

Pretendeu-se, neste estudo, abordar o processo de desmame visando compreender sua função na constituição do Ego a partir do enfoque psicanalítico. Apontou-se, ainda, como interesse da pesquisa, entender como o bebê elabora o processo do desmame, ou seja, como vivencia e reage ao momento do fim da amamentação, além da participação das figuras maternas e paternas neste processo.

¹ Graduado em Psicologia pela Universidade de Mogi das Cruzes (UMC). Rua Carneiro Leão, 40, Mogi das Cruzes (SP), CEP: 08780-760. E-mail: otmacedo@hotmail.com

² Graduada em Psicologia pela Universidade de Mogi das Cruzes (UMC). Rua Guaiaió, 121, ap. 3, Santos (SP), CEP: 11035-260. E-mail: amandateodoro@ymail.com

³ Graduada em Psicologia pela Universidade de Mogi das Cruzes (UMC). Rua Pedro Dudu da Silva, 268, Mogi das Cruzes (SP), CEP: 08760-490. E-mail: pamelarampazi@outlook.com

² Graduada em Psicologia pela Universidade de Mogi das Cruzes (UMC). Rua Guaiaió, 121, ap. 3, Santos (SP), CEP: 11035-260. E-mail: amandateodoro@ymail.com

³ Graduada em Psicologia pela Universidade de Mogi das Cruzes (UMC). Rua Pedro Dudu da Silva, 268, Mogi das Cruzes (SP), CEP: 08760-490. E-mail: pamelarampazi@outlook.com

⁴ Graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Mestre em Saúde Coletiva pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Doutoranda na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), com início em fevereiro de 2017 e Docente de Psicologia na Universidade de Mogi das Cruzes (UMC). Rua Cayowaa, 1373, c.10, São Paulo (SP) CEP: 05018-001. E-mail: juliana.avp@gmail.com

A particular contribuição deste texto pode ser tributada à escassez de publicações que abordam especificamente a importância do desmame para a constituição dessa instância psíquica.

O aparelho psíquico em Freud e a constituição do Ego

Freud (2010c) em *O Inconsciente* pressupõe uma parte da mente presente desde o início da vida, na qual são gravadas marcas decorrentes das experiências vividas pelo bebê – futuramente, em sua segunda tópica do aparelho psíquico, Freud denominará esta instância de *Id* (FREUD, 1996b). O autor aponta, neste sentido, que “o lcs é [...] atingido pelas experiências vindas da percepção externa” (FREUD, 2010c, p. 136). A instância psíquica que se constitui, fruto do contato com o mundo externo, foi chamada pelo autor de *Ego*. A constituição Egoica parte, portanto, de um *Id* que age em função das pulsões (FREUD, 2010c), mas que é marcado pelas experiências advindas da realidade – majoritariamente mediadas pela relação com os outros humanos ao seu redor.

O *Ego* é, enfim, “aquela parte do *id* que foi modificada pela influência direta do mundo externo” (FREUD, 1996c, p.16). Tem como função mediar o *Id*, instância regida pelo Princípio do Prazer (FREUD, 2011) e as exigências e censuras que partem do *Superego* – advindos dos valores morais introjetados pela criança a partir da identificação com as figuras paternas (FREUD, 1996b). O *Ego*, o qual trabalha a partir do Princípio da Realidade, possui como função possibilitar a satisfação do *Id* de maneira que não infrinja totalmente as restrições do *Superego* (FREUD, 2011).

Em 1914, Freud (2010a) cunha o conceito de *narcisismo*. Este conceito traz novas contribuições ao entendimento do processo de constituição do *Ego*. Ao longo da constituição do psiquismo, o bebê passa por dois momentos, os quais Freud nomeou de autoerotismo e narcisismo (FREUD, 2010a). No primeiro, o prazer do bebê tem como fonte e objeto o próprio corpo, e este assim se satisfaz a partir da estimulação de zonas erógenas e de uma corporeidade que é vivida como fragmentada, não compondo uma unidade. Freud (2010a) descreve essa fase como “prazer do órgão”; nela não é possível dizer que o bebê vivencia um “eu” e, portanto, a instância egoica ainda não estaria presente. É característica, em vista disso, nessa fase, a não discriminação eu-outro-mundo externo do ponto de vista do bebê.

O segundo momento, denominado *narcisismo*, é alcançado a partir de funções primordiais que os outros realizam “sobre” a criança e seu corpo. Fazem partes destas funções a erotização e a organização das pulsões, o que ajuda na constituição de um circuito pulsional, a partir do qual a criança, cada vez mais, amplia as possibilidades de experienciar e significar as sensações de prazer e desprazer. Freud (2010a) alega que o narcisismo só pode ser instaurado pelo reviver do narcisismo pelos próprios pais que, através do amor direcionado à criança, revivem a sua própria onipotência em forma de amor objetal. Nesse processo, os pais veem a criança como um corpo unificado, e esta identifica-se com o corpo unificado do adulto e da imagem unificada que lhe é ofertada por este (FREUD, 2010a). Este todo integrado será mais tarde vivenciado como um “eu” (FREUD, 2010a). Nesse sentido, Garcia-Roza (1995, p.48) aponta:

A constituição desse eu efetiva-se com o concurso da revivescência do narcisismo dos pais, que atribuem ao filho todas as perfeições, além de concederem a ele privilégios que eles próprios foram obrigados a abandonar.

A partir do narcisismo, é possível que a criança direcione a libido – antes catexizada de forma fragmentária nas zonas erógenas – ao Ego já vivenciado como um todo unificado e, portanto, por via recursiva, como um objeto externo. Uma vez constituído o Ego, portanto, é possível direcionar o investimento libidinal tanto a objetos externos como ao próprio Ego, agora tomado como objeto (FREUD, 2010a).

Amamentação e desmame: de Freud a Winnicott

É de conhecimento comum, especialmente entre aqueles que estudam o processo de construção da subjetividade, que a amamentação possui papel fundamental no estabelecimento dos vínculos.

O tema foi tratado como elemento central da constituição do psiquismo por Freud em alguns momentos de sua obra. Segundo o autor (2014), o modo pelo qual o bebê inicia seu relacionamento com o meio externo é através da boca. Em *Três ensaios sobre a sexualidade*, Freud (2016) determina a fase oral como a fase inicial do desenvolvimento psicosssexual, e aponta que a criança estabelece sua primeira relação objetal apoiada no ato da sucção. Tal relação marcaria o início do desenvolvimento afetivo da criança e, portanto, seria também um caminho para a

constituição do Ego. A prática de amamentação e alimentação do bebê tem, na teoria freudiana, papel chave no processo de constituição primária do Ego.

A alimentação deve, portanto, ser compreendida para além das necessidades fisiológicas, situada na complexidade da interação entre necessidade do alimento e demanda de amor, envolvendo a incorporação de algo mais que alimento (SAMPAIO *et al.*, 2010d, p. 615).

Para o bebê, a amamentação é a continuidade intrauterina e funciona como para-excitação diante das angústias. Ao amamentar seu filho, a mãe aplaca parte do mal-estar vivido pelo bebê e, conseqüentemente, produz, ao término do ato, a falta do objeto, criando uma tensão que move o desejo de que tal objeto e tal satisfação sejam restituídos (FREUD, 2010b). Freud (2016) afirma, neste sentido, que para o ser humano é difícil abster-se desta experiência. Isto seria justificado dado o sofrimento causado pela perda do objeto no qual mantém-se grande investimento libidinal.

Mais parece que a avidez da criança pelo primeiro alimento é completamente insaciável, que a criança nunca supera o sofrimento de perder o seio materno. Não me causaria surpresa se a análise de uma criança primitiva, que ainda pudesse ser amamentada ao seio materno quando já capaz de andar e de falar, viesse a apresentar a mesma queixa (FREUD, 1996a, p. 83).

Para a execução da pesquisa da qual provém este artigo, a escassa abordagem do tema do desmame nas obras freudianas levou os autores a pesquisarem outros teóricos, pós-freudianos, que tivessem desenvolvido com mais detalhes este processo de desvinculação do bebê do ato da amamentação. Assim, ao longo da pesquisa, as obras de Donald Wood Winnicott mostraram-se as mais promissoras para um estudo pormenorizado da relação entre desmame e constituição do Ego.

Winnicott (1896-1971) nasceu em Plymouth, Grã-Bretanha. Formou-se em Biologia e Medicina pela Universidade de Cambridge. Foi para a guerra como estagiário em cirurgia e, posteriormente, indicado para o The Queen's Hospital for Children e também para o Paddington Green Hospital for Children, onde permaneceu por diversos anos trabalhando como pediatra, psiquiatra infantil e psicanalista (LEMGRUBER, 2005).

A teoria de Winnicott baseia-se no fato de que a *psique* não é uma estrutura pré-existente e sim algo que vai-se constituindo a partir da elaboração imaginativa do corpo e de suas funções (LAURENTIIS, 2007). Nesse sentido, Winnicott (1983) considera importante a função materna na fase de construção da

personalidade, uma vez que a mãe pode ser ou não *suficientemente boa* para com seu filho. Como mãe *suficientemente boa* o autor compreende aquela que lhe oferece condição para seu amadurecimento como, por exemplo, quando auxilia o bebê em sua integração psíquica ou no desenvolvimento das relações com os objetos.

A figura materna, desse modo, possibilita, a partir do que o autor denomina *holding* (disposição empática e afetiva para as necessidades do bebê) e pelo *handling* (acolhimento físico como o toque, a troca de fralda e o dar o banho), que o bebê possua subsídios para se desenvolver e se integrar psiquicamente (WINNICOTT, 2000b).

Winnicott (2000a) explica, destarte, a constituição de uma unidade psíquica no bebê a partir das funções exercidas por esta *mãe suficientemente boa* que se atenta às necessidades de seu filho de modo a auxiliá-lo na constituição do seu próprio ambiente, levando-o a independência.

No entanto, a partir da obra do autor, é possível afirmar que, nesse processo de constituição psíquica e de independência, a esta mesma mãe é facultada a função de inserir, gradualmente, a falta na experiência do bebê. Isto acontece pelo não oferecimento imediato dos objetos de satisfação do bebê (QUEIROZ, 2011).

É esta afirmação, presente no pensamento de Winnicott, que resgata a questão em relação à função do desmame na constituição do Ego – sendo o desmame compreendido como a retirada de um dos objetos de satisfação mais valorizados por Freud ao longo de sua obra.

Método

Recorreu-se para o presente estudo à pesquisa bibliográfica, a qual exige que sejam realizadas amplas revisões teóricas sobre o tema, para que se torne viável a análise das diversas possibilidades sobre o assunto estudado (DYNIEWICZ, 2014).

A pesquisa foi desenvolvida na modalidade integrativa, por meio da qual teve-se como finalidade investigar as diferentes contribuições científicas sobre o tema, para confirmar, confrontar ou enriquecer suas proposições, sumarizando com rigor metodológico e fontes empíricas (ERCOLE *et al.*, 2013).

O material pesquisado constituiu-se de livros e artigos sobre o tema *desmame* com enfoque no referencial winnicottiano. Para a discussão sobre a *constituição do Ego*, optou-se pelo referencial teórico freudiano, com especial uso dos textos: *A*

dissecção da personalidade; Três ensaios sobre a sexualidade; Introdução ao narcisismo; Desenvolvimento da libido e organização sexual, e O Ego e o Id.

Optou-se pelo uso de fontes primárias arroladas a partir da leitura de artigos dos portais Scielo e CAPES, selecionados com base nas palavras-chave *desmame* e *psicanálise*, sem delimitação de tempo, dado o baixo número de artigos encontrados. A partir das referências bibliográficas encontradas em tais artigos, foram arroladas 14 obras de Winnicott que traziam contribuições específicas sobre o processo de desmame. Para análise, utilizou-se as seguintes categorias, com base nas hipóteses inicialmente levantadas: *modos de proceder o desmame, tempo de amamentação e momento de desmame e participação da figura materna e paterna no processo.*

Discussão

Os textos winnicottianos lidos ao longo da pesquisa foram *A amamentação como forma de comunicação, O relacionamento inicial entre a mãe e seu bebê, O Desmame; E o pai?; O bebê como pessoa; Dependência no cuidado do lactente, no cuidado da criança e na situação psicanalítica; Desenvolvimento emocional primitivo; Psicose e cuidados maternos; Alimentação do bebê; A mente e sua relação com o psique-soma; O conceito de indivíduo saudável; Um estado primário do ser: os estágios pré-primitivos; Sum: eu sou, e Ansiedade associada à insegurança.*

Winnicott (1982d) considera que uma mãe suficientemente boa, desde sua gestação, pressupõe uma pessoa (sujeito) em seu filho e fornece-lhe condições para que esta se constitua enquanto tal (WINNICOTT, 1982a, 1993).

O bebê, ao nascer, não é integrado e, portanto, busca por um objeto que o auxiliará nesta integração. O primeiro objeto que encontra para se relacionar é o seio da mãe, por meio da amamentação. Ao oferecer o seio ao bebê, a figura materna proporciona a seu filho que este possua a sensação de ter criado o objeto, ao mesmo momento em que entende o surgimento de um possível “eu” que se alimentará do leite (WINNICOTT, 2000d). Tomada de um objeto de amor e constituição de uma certa *sensação de si* são, portanto, em Winnicott, processos complementares.

Neste primeiro momento, Winnicott (1990) afirma que não há um Ego formado. No entanto, havendo a correta adaptação a um ambiente favorável ao

amadurecimento, o bebê desenvolve a capacidade de buscar outros objetos, experienciando a possibilidade de um “eu” em busca do relacionamento com um objeto externo.

Os somatórios das experiências de poder escolher um objeto com o qual se relacionará para fins de sua integração apontam para uma fase da constituição do Ego. Essa fase é chamada por Winnicott de “Eu Sou”, pois nesse momento o bebê consegue separar o mundo externo de um mundo interno (WINNICOTT, 1989).

No entanto, nessa fase, pode-se afirmar que o indivíduo ainda não se integrou de forma completa, pois se considera como dois corpos desassociados (WINNICOTT, 2000c); somente será integrado quando deixar de ser “Eu Sou” e passar a ser o “Eu Faço”. Assim, na integração, o bebê é conduzido “[...] ao estado de unidade, ao pronome pessoal ‘je’, ao número um; ela torna possível o ‘eu sou’, que dá sentido ao ‘eu faço’” (WINNICOTT, 1989, p. 11).

Ser, para Winnicott, significa “que tenho um sentido de existência enquanto pessoa, que sinto em meu juízo que minha existência foi provada” (WINNICOTT, 1999, p.43). Essa prova é experienciada com a sensação de angústia: um momento de independência produzido pela criança em suas relações, sendo fundamental que a mãe suporte esse momento para que a função constituidora do Ego se dê plenamente.

Winnicott (2000b), em *Psicose e cuidados maternos*, assegura que tal crescimento psíquico dar-se-á a partir de um desenvolvimento assertivo, o qual culminará no desmame. Esclarece, ainda, que o desmame é, para o bebê, a alimentação bem sucedida, ao ponto em que o estágio de ilusão, anteriormente estabelecido, forneceu ao indivíduo, a partir da relação materna, condição de se satisfazer por meio daquilo que ele próprio cria, estando, assim, mais autônomo em relação aos objetos e às satisfações externas a ele oferecidas.

Para Winnicott (1982d), da mesma forma como a alimentação física é utilizada para fornecer nutrientes para o crescimento da criança, sintetizar energia para o corpo e depois descartar resíduos, é também a experiência da alimentação imaginativa, a partir da qual o bebê consegue processar informações para sua constituição psíquica.

O autor utiliza-se do exemplo da colher para explicar como a alimentação imaginativa se dá no processo de desenvolvimento psíquico. A colher, objeto de

interesse de um bebê em seu consultório, é observada e agarrada pela criança e, ao notar, pelo olhar da mãe, que sua ação não é reprovada, toma o objeto para si. A relação da mãe com o bebê nesse momento é importante, pois é a mãe quem reafirma o impulso real da criança em relacionar-se com objetos (WINNICOTT, 1993). Quando a põe na boca, de modo que possa senti-la, mordê-la, manuseá-la, adquire a sensação de confiança, assim tais como sua boca e seu corpo processam o alimento que ingere. Nas palavras de Winnicott (1982d, p. 84) em *O bebê como pessoa*:

Eu poderia dizer que, em imaginação, ele comeu a colher. Tal como o alimento entra nele, é digerido, e passa a fazer parte dele próprio, assim esse objeto que se tornou seu de um modo imaginativo faz agora parte dele e pode ser usado.

Nessa experimentação, chega o momento em que, por fim, o bebê deixa a colher cair, ou, como metaforiza Winnicott (1982d, p. 82), “acabou o show”. Isso mostra que o bebê está preparado para novos interesses. A colher, que outrora tomou para si, tornou-se parte de seu corpo e depois foi rejeitada, apontando o processo completo da alimentação imaginativa, tal como o alimento físico faz, ou seja, ele é ingerido, processado e eliminado. Portanto, seu interesse e seu jogo com o objeto proporcionou-lhe a experiência completa de enriquecer-se psiquicamente. Segundo Winnicott (1982d, p. 87), “isso é bom para o bebê”.

É necessário, nesse processo, conceder ao bebê tempo para experienciar. O tempo adequado propicia ao bebê a vivência completa dessa experiência. A mãe suficientemente boa fornece apoio para que, em seu tempo, o bebê viva, por completo, as experiências que o constitui. Durante esse tempo, ela deve esperar que seu filho deseje brincar, pois ao fazê-lo, ele consegue demonstrar que pôde selecionar o material de sua brincadeira, com o qual, na experiência da alimentação imaginativa, irá se entreter, se alimentar (WINNICOTT, 1982d).

Vale ressaltar que a constituição psíquica do bebê se inicia com a interação mãe-bebê, a figura materna sustentando esse processo ao ofertar um ambiente facilitador no qual haverá a evolução do bebê e o desenvolvimento das interações com o meio (WINNICOTT, 1994).

Com o tempo, portanto, o bebê usufrui e experiencia o processo da amamentação (WINNICOTT, 1982b). Quando passado pela experiência boa e completa, quando tal processo já foi digerido por ele, inicia-se, portanto, o

afastamento desse interesse. Como afirma o autor, o “bebê teve realmente alguma coisa de que deve agora ser afastado” (WINNICOTT, 1982b, p. 89).

Winnicott enfatiza que a base para o desvencilhamento da amamentação é que esta tenha sido uma experiência boa. A mãe suficientemente boa apresenta a seu filho um mundo bom, com o qual pode ir ao encontro. Ao desejar amamentar-se, o bebê experimenta, primeiramente, a fome, a qual, de início, parece uma experiência terrível, mas, com o crescimento, a criança nota que é sinal de vida. Amamentar-se é enxergar uma mãe boa, mas a qual será preciso atacar para aplacar a fome. Quando a mãe suporta essa ideia vinda de seu bebê, propicia que este tenha boas experiências na amamentação (WINNICOTT, 1982b).

Da mesma forma como soltou a colher, o autor aponta que o bebê, neste momento, é capaz de decidir afastar-se da amamentação. Assim, aproximadamente aos nove meses, o bebê possui a noção de como desfazer-se de algo, sendo, portanto, capaz de sofrer o processo de desmame (WINNICOTT, 1982b).

Através do desmame, o bebê compreende que perder algo pode não acontecer ao acaso, mas por meio de uma decisão. O desejo em desmamar-se é uma capacidade que o bebê possui, no entanto, afirma o autor (1982b), não será um sentimento vivido pelo bebê, coincidindo com o que Freud explicitou:

Por que não continuar assim a vida toda? Bem, creio que terei de dizer que seria sentimental nunca desmamar. E seria irrealista de qualquer modo. O desejo de desmamar deve partir da mãe (WINNICOTT, 1982b, p. 91).

O desmame como sentimento do bebê é irreal, portanto, o desejo, bem como o ato, deve partir da mãe (WINNICOTT, 1982b; QUEIROZ, 2005). De início, o bebê não deseja desmamar-se, mas a mãe suficientemente boa suporta tal fase de modo a propiciar a seu filho uma “ampliação do campo de experiência” (WINNICOTT, 1982b, p.92). O bebê reúne, em seu entendimento, qualidades de sua mãe, as quais são concebidas pela interação materna com seu filho. Adjetivos como maciez e ternura são característicos desta mãe. Haja vista esse entendimento, a postura da mãe em desmamar o filho é algo que o agradará (WINNICOTT, 1982a).

No caminho que conduz ao desmame, a mãe deve oferecer outros tipos de alimentos ao bebê, de modo a proporcionar-lhe outros tipos de interesses. Contudo, pode haver a recusa e, portanto, cabe a esta mãe estabelecer um ambiente favorável no qual o bebê confiará. Esse momento não se dá rapidamente, fazendo

com que a mãe tenha compreensão de que se trata de um bebê, mas que, ainda assim, não regrida em seus feitos (WINNICOTT, 1982b).

A figura materna sofre também efeitos do desmame, uma vez que é por esse processo que entende que seu filho está crescendo (WINNICOTT, 1982b). Isso resultará na possibilidade de a criança experimentar novas coisas, dado que, segundo Winnicott (1982b, p.92) “o bebê adora, obviamente, tomar contato com uma nova experiência”.

Desmamar, segundo o autor, é extinguir as ilusões de pais inteiramente bons e de um seio que, outrora fora mal, mas que se tornou bom. Não é somente oferecer ao bebê outro alimento, mas possibilitar que seus filhos reconheçam os pais como seres humanos e, para tanto, estes devem suportar a idealização e o ódio das crianças neste momento (WINNICOTT, 1982b).

O pai, conforme Winnicott (1982c), apresenta-se como aquele que autentica o comportamento da mãe. Quando se fala de seio bom, o autor remete-se a essa terminologia como a atitude suficientemente boa materna, mas também paterna (WINNICOTT, 1994). Mostra-se necessário que o pai auxilie a mãe, pois, segundo Winnicott (1982c), o bebê concebe, em sua mente, algumas qualidades emitidas pela figura materna, mas que posteriormente são alimentadas pela figura paterna. O ato de decidir e suportar o desmame requer bravura, persistência e coragem dessa mãe, (WINNICOTT, 1994, p.20) e tais qualidades, futuramente, são sustentadas pela figura paterna (WINNICOTT, 1982c).

É o pai quem oferece base à autoridade materna, sustentando as ordens que a mãe impõe à criança. Sua presença reafirma esta ordem e oferece-lhe credibilidade. Os pais despertam, de acordo com suas funções, o amor e o ódio em seus filhos. Cabe ao pai ser o alvo do ódio, enquanto a mãe sustenta o amor e o cuidado (WINNICOTT, 1982c).

Atentando-se à discussão do lugar do desmame nesse processo de constituição do Ego, observa-se que a sua função não é apresentada como decisória, ou seja, que um Ego é integrado só e somente só havendo o encerramento da amamentação.

Contudo, considera-se a importância do desmame no desenvolvimento deste Ego, dado que este processo oferece ao bebê a possibilidade de capacitar-se no ato

de desvencilhar-se de um objeto, como já apresentado pelo próprio autor em *O Desmame* (1982b) e *O bebê como pessoa* (1982d).

O desmame, de acordo com Winnicott, possui como finalidade o manejo da criança em abandonar objetos, ou, como o próprio autor nomeia “livrar-se das coisas” (WINNICOTT, 1982b, p.91); neste caso, o abandono do seio. É apontado pelo autor, também, que o desmame é uma dentre algumas experiências que auxiliam o desenvolvimento do indivíduo, a partir da qual a criança poderá se haver com o enfrentamento de situações adversas.

Desmamar a criança resulta na sua maturidade e, voltando à teoria winnicottiana, vê-se que a maturidade é sinal de saúde (WINNICOTT, 1982e). O cuidado e as ações ativas dos pais proporcionam ao bebê uma maturidade saudável, dado que as decisões tomadas pelos pais auxiliam no desenvolvimento emocional de seus filhos. O desmame, portanto, precisa ser uma decisão da mãe e tal decisão assegurará uma das viabilidades de maturação egoica e emocional.

Conclusão

Neste trabalho pretendeu-se debruçar sobre a perspectiva de Winnicott para compreensão da função do desmame no tocante à constituição do Ego. Foi possível identificar que o desmame traz contribuições para a integração do Ego, mas não é experiência decisiva para que a maturação egoica aconteça.

Vários fatores presentes devem ser considerados ao desmamar uma criança. Desde o nascimento, a mãe deve pressupor uma pessoa em seu filho, ainda que, psicologicamente, ele não seja integrado (WINNICOTT, 1982a). As ações dessa mãe suficientemente boa auxiliam no processo maturacional do bebê (WINNICOTT, 1982d).

O tempo necessário para o desligamento do seio é um ponto a ser considerado. Haja vista o interesse em compreender se havia um tempo psicológico e/ou cronológico para o desmame, Winnicott não apresenta um tempo exato para que isso aconteça de forma adequada. Não aponta, enfim, com exatidão uma idade adequada para iniciar o desmame, mas indica que, aproximadamente, dos sete aos nove meses de idade, o bebê já está apto a “brincar de jogar as coisas fora” (WINNICOTT, 1982b, p. 91), e que é necessário haver uma experiência de amamentação completa, com começo, meio e fim, para que o bebê possa desvencilhar-se do objeto relacional (WINNICOTT, 1982d).

Outra hipótese que guiou a pesquisa é a de que haveria um método ou forma de desmame que afetaria positiva ou negativamente a constituição do Ego. É possível apontar, sob a ótica winnicottiana, que quem inicia o desmame é a mãe (WINNICOTT, 1982b), dado que a criança, apesar de amadurecer ao ponto de ser capaz de ser desmamada, sentimentalmente não consegue fazê-lo sozinha. Winnicott (1982b) em *O desmame*, aponta para o fato de que a mãe suficientemente boa deva assegurar que o processo seja realizado em um ambiente adequado, no qual as ações agressivas do bebê sejam suportadas.

Por fim, cabe ao pai ou a quem assuma a função paterna assegurar a legitimação das ações da figura materna nesse processo do desmame (WINNICOTT, 1982c). Ele oferecerá base para que as decisões da figura materna sejam tomadas e consigam êxito. Dado que o desmame é uma decisão tomada pela mãe, cabe a esse pai propiciar um ambiente adequado para as intervenções maternas.

O desmamar apresenta-se, portanto, na teoria winnicottiana, como resultado do processo maturacional egoico, dada a capacidade em se desprender do objeto e relacionar-se a outro.

Referências

DYNIEWICZ, Ana M. **Metodologia da pesquisa em saúde para iniciantes**. 3.ed. São Caetano do Sul: Difusão Editora, 2014.

ERCOLE, Flávia Falci; MELO, Laís Samara de; ALCOFRADO, Carla Lúcia Goulart Constant. Revisão integrativa versus revisão sistemática. **REME - Revista Mineira de Enfermagem**, 2013. Disponível em: <http://www.reme.org.br/artigo/detalhes/904> Acesso em: 26 mai. 2017.

FREUD, Sigmund. Feminilidade. 1933. *In: Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. XXII*. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. Disponível em: <http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-22-1932-1936.pdf>. Acesso em: 2 de abr. 2018.

FREUD, Sigmund. Introdução ao narcisismo. 1914. *In: FREUD, Sigmund. Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos*. 4.ed. São Paulo: Cia das Letras, p.13-50, 2010a.

FREUD, Sigmund. Os instintos e seus destinos. 1915. *In: FREUD, Sigmund. Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos*. 4.ed. São Paulo: Cia das Letras, p.13-50, 2010c.

FREUD, Sigmund. A interpretação dos sonhos. 1900. *In*: FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos**. São Paulo: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund. A dissecção da personalidade psíquica. 1933. *In*: **Obras completas de Sigmund Freud**, Vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1996b.

FREUD, Sigmund. O Eu e o Id. 1923. *In*: FREUD, Sigmund. **O Eu e o Id, 'autobiografia' e outros textos (1923-1925)**. São Paulo: Cia das Letras, 1996c. Disponível em: <http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-19-1923-1925.pdf>. Acesso em: 2 abr. 2018.

FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer. 1920. *In*: FREUD, Sigmund. **História de uma neurose infantil (O homem dos lobos), Além do princípio de prazer e outros textos**. São Paulo: Cia. das Letras, 2010b

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. 1905. *In*: FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade: análise fragmentária de uma histeria ("O Caso Dora") e outros textos**. São Paulo: Cia. das Letras, 2016

FREUD, Sigmund. O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais. 1917. *In*: FREUD, Sigmund. **Conferências introdutórias à psicanálise (1916-1917)**. São Paulo: Cia. das Letras, 2014. p.13-50.

GARCIA-ROZA, L. A. Narcisismo. *In*: GARCIA-ROZA, L. A. **Introdução à metapsicologia freudiana**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

LAURENTIIS, V. R. F. A incerta conquista da morada da psique no soma em D. W. Winnicott. **Winnicott e-prints**, São Paulo, v.2, n.2, p.1-13, 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-432X2007000200003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 2 de abr. 2018.

LEMBGRUBER, I. O. C. **Um olhar para Winnicott: o ambiente e a dependência**. 2005. 91f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/6976/6976_3.PDF. Acesso em: 2 abr. 2018.

MENDES, Karina Dal Sasso; SILVEIRA, Renata Cristina de Campos Pereira, GALVÃO, Cristina Maria. Revisão Integrativa: método de pesquisa para incorporação de evidências na saúde e da enfermagem. **Texto, Contexto – Enferm.**, Florianópolis, v.17, n.4. Dez. 2008. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-07072008000400018>. Acesso em: 31 abr. 2017.

QUEIROZ, Telma Corrêa da Nobrega. O desmame, um “não” ao gozo oral: o desmame segundo Winnicott. *In*: QUEIROZ, Telma Corrêa da Nobrega. **Do desmame ao sujeito**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

SAMPAIO, M. A.; FALBO, A. R.; CAMAROTTI, M. D.; VASCONCELOS, M. G.; ECHEVERRIA, A.; LIMA, G. *et al.* Psicodinâmica interativa mãe-criança e desmame. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v.26, n.4, out-dez, 2010d.

- SILVA, R. V. Maternidade e mercado de trabalho: avanços possíveis. **Boletim Legislativo**, Brasília: Núcleo de Estudo e Pesquisa/CONLEG/Senado, n.42, fev. 2016.
- WINNICOTT, D. W. A Amamentação como forma de comunicação. 1956. *In*: WINNICOTT, D. **Os bebês e suas mães**. São Paulo: Martins Fontes, 1994. p.19-28.
- WINNICOTT, D. W. Conheça seu filhinho. 1957. *In*: WINNICOTT, D. W. **A criança e seu mundo**. 6.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1982a, p.19-25.
- WINNICOTT, D. O relacionamento inicial entre a mãe e seu bebê. 1958. *In*: WINNICOTT, D. **A Família e o Desenvolvimento Individual**. São Paulo: Martins Fontes, 1993. p.21-28.
- WINNICOTT, D. O desmame. 1957. *In*: WINNICOTT, D. **A criança e seu mundo**. 6.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1982b, p.89-94.
- WINNICOTT, D. W. E o pai? 1957. *In*: WINNICOTT, D. W. **A criança e seu mundo**. 6.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1982c. p.127-133.
- WINNICOTT, D. W. O bebê como pessoa. 1957. *In*: WINNICOTT, D. W. **A criança e seu mundo**. 6.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1982d. p.83-88.
- WINNICOTT, D. W. Dependência no cuidado do lactente, no cuidado da criança e na situação psicanalítica. 1963. *In*: WINNICOTT, D. W. **O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983. Disponível em: <http://docslide.com.br/documents/winnicott-d-w-o-ambiente-e-os-processos-de-maturacao-55f1b7c366e70.html#>. Acesso em: 20 mai. 2017.
- WINNICOTT, D. W. Desenvolvimento emocional primitivo 1945. *In*: D. W. Winnicott. **Da pediatria à psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 2000a. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/24919263/Da-Pediatria-a-Psicanalise-W-D-Winnicott>. Acesso em: 20 mai. 2017.
- WINNICOTT, D. W. Psicose e cuidados maternos. 1952. *In*: D. W. Winnicott. **Da pediatria à psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 2000b. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/24919263/Da-Pediatria-a-Psicanalise-W-D-Winnicott>. Acesso em: 20 mai. 2017.
- WINNICOTT. Alimentação do bebê. 1964. *In*: WINNICOTT, D. W. **A criança e seu mundo**. 6.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1982e.
- WINNICOTT, D. W. A mente e sua relação com o psique-soma. 1954. *In*: WINNICOTT, D. **Da Pediatria à Psicanálise**. Rio de Janeiro: IMAGO, 2000d, p.332-46. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/24919263/Da-Pediatria-a-Psicanalise-W-D-Winnicott>. Acesso em: 2 de abr. 2018.
- WINNICOTT, D. W. O conceito de indivíduo saudável. 1971. *In*: WINNICOTT, D. W. **Tudo começa em casa**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

WINNICOTT, D. W. Um estado primário do ser: os estágios pré-primitivos. 1988. In: WINNICOTT, D. W. **Natureza humana**. Rio de Janeiro: Imago, 1990. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/342540723/WINNICOTT-natureza-humana-pdf>. Acesso em: 1 nov. 2017.

WINNICOTT, D. W. Sum: eu sou. 1984. In: WINNICOTT, D. W. **Tudo começa em casa**. São Paulo: Martins Fontes, 1999, pp.41-51.

WINNICOTT, D. W. Ansiedade associada à insegurança. 1958. In: WINNICOTT, D. **Da Pediatria à Psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 2000c, p.163-67. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/24919263/Da-Pediatria-a-Psicanalise-W-D-Winnicott>. Acesso em: 2 de abr. 2018.